

QUEM TEM MEDO DA TEORIA?

Cinzenta é toda teoria e verde apenas a árvore esplêndida da vida.

Goethe

As conotações de neutralidade, abstração ou ausência de vida atribuídas à cor cinza, correspondem, em Goethe, à oposição romântica entre razão e emoção, teoria e prática, morte e vida, implicando a recusa da teoria e promovendo a fetichização da prática. Citada em epígrafe, a frase de Goethe salta da memória para o papel em branco, gesto que marca aí sua presença constante, desde o dia em que a ouvi pela primeira vez em aula de Maria Luiza Ramos. A partir desse momento, ela ecoa infinitamente, não apenas como afirmativa a ser questionada, mas como expressão mágica que diz muito mais pela sua sonoridade e ritmo, do que pelo seu sentido.

A cor cinza sempre esteve ao lado da verde, embora lutassem constantemente entre si, no jogo infinito de ausência e presença do vivido. Na emergência de narrar o percurso acadêmico, o ritmo das cores volta à cena, exigindo a escolha do tom. O cinza da neutralidade — mas também do esboço, dos começos partidos, do rascunho — ou o verde da árvore que se ramifica no texto? A escrita, espaço em que a combinação das cores somente se atualiza no momento de seu fazer, revive e apaga, simultaneamente, os traços de vida do texto.

Relatar a importância que a teoria da literatura exerce na minha vida acadêmica é como situar-me diante daqueles objetos que há muito nos acompanham, tornando-se difícil delinear ou descrever seus traços. A proximidade com essa disciplina impede que a perceba em seu contorno definido, pois a teoria transformou-se em prática — e a literatura, numa das formas da vida.

Se no início da convivência ela surgia como instrumento auxiliar para a leitura dos textos, com seus métodos e técnicas, aos poucos foi se impondo também como objeto privilegiado de exame. Tornou-se um espaço de reflexão, marcando sua presença efetiva no interior de outros saberes que perpassam a história. Tornada parte de um universo mais amplo, o das ciências humanas, exigia ser compreendida na sua dinâmica relação com outros discursos. Para conhecimento maior de si própria, promovia essa abertura para o outro e o diferente, através da migração contínua dos conceitos e da apropriação de métodos de distintos ramos do saber.

A história da teoria da literatura na Faculdade de Letras da UFMG está intimamente associada ao papel desempenhado por Maria Luiza Ramos, não só por ser a responsável pela formação de grande parte de uma geração desta Faculdade, como por ter implantado o ensino da disciplina no curso de graduação.¹ A escrita deste meu texto da memória apresenta-se como suplemento ao seu *Memorial*, por intermédio de uma assinatura que pretende dar continuidade às reflexões sobre a prática da teoria da literatura desenvolvida na instituição, bem como às realizações de Maria Luiza Ramos, respeitando-se a distinta experiência que cada uma de nós teve com a disciplina.

Para expressar o reconhecimento pelo seu trabalho, tomo de empréstimo a metáfora de "A teia da *Odisséia*", título do ensaio que serviu de fio condutor ao seu relato de experiência acadêmica, remetendo-a ao lugar ocupado pela professora na história da disciplina. A certa altura de seu *Memorial*, Maria Luiza Ramos retoma o fio desse estudo para acentuar o caráter inacabado de seu texto: "Não considero 'A teia da *Odisséia*' um trabalho terminado, tanto assim que faço aqui freqüentes referências a aspectos diversificados que me ocorrem depois de entregue o texto para a

¹ Conferir o histórico da disciplina Teoria da Literatura na UFMG, realizado por Maria Luiza Ramos, nas páginas introdutórias de seu *Memorial*. RAMOS, *Memorial*, p.I a VI.

revista".² A teia de Penélope, entre outras teias, traduz uma tarefa na verdade infundável, sugerida não só pela dimensão do tema da mulher tecedeira — o lugar conquistado pela intelectual e pela pesquisadora — como pela trama que, ao longo do tempo, foi urdida pelo seu texto teórico, acadêmico e pessoal.

O percurso da teoria da literatura, nos últimos anos, é marcado pela presença sempre constante de outros discursos que com ela se relacionam, como a filosofia, a lingüística, a antropologia, a sociologia, a psicanálise e a semiologia. Desde o período de sua implantação na Faculdade, a disciplina com que trabalho esteve ao lado da filosofia, sua interlocutora mais constante. Compõem esse quadro, de um lado, a fenomenologia de Husserl — transformada em método de análise literária por Ingarden, ampliada e divulgada por Wellek e, entre nós, por Maria Luiza Ramos — e de outro, o pensamento desconstrutor do estruturalismo e do pós-estruturalismo — representado pelos discípulos de Nietzsche e amplamente divulgado por teóricos brasileiros.

Nos anos 70, com a abertura dos cursos de pós-graduação no país e, naturalmente, na Faculdade de Letras da UFMG, a prática interdisciplinar recebe grande impulso, incentivada, em grande parte, pelo estruturalismo. A teoria da literatura aproxima-se mais da antropologia, da psicanálise e da semiologia, desenvolvendo estudos dedicados à interpretação dos discursos mítico, onírico e literário, e de textos marginalizados pela literatura oficial.

Os anos 80 propiciam ainda mais a ampliação do enfoque interdisciplinar, permitindo à teoria da literatura estender igualmente seu horizonte de atuação. Convive, no departamento, com a semiologia, de origem francesa, e desenvolve estudos que enfatizam a análise do discurso literário e do paraliterário, a teoria da leitura, a crítica de fontes primárias, a relação do discurso literário e dos discursos social, antropológico e psicanalítico, a revisão de teorias críticas e os estudos de literatura comparada.

² RAMOS. *Memorial*, p.23.

Com a criação, em 1985, do Doutorado em Literatura Comparada, de caráter interdepartamental, os estudos de teoria da literatura recebem novo impulso, ampliando-se o pólo de interesse da disciplina para uma reflexão preferencialmente histórica e cultural. O curso contribuiu ainda para a formalização e sistematização de uma realidade existente na Faculdade de Letras, historicamente praticada nos setores de literaturas nacionais e estrangeiras e de teoria da literatura: a interdisciplinaridade, a recepção e releitura de teorias e literaturas estrangeiras e a questão sobre a dependência cultural. Incentiva-se, dessa maneira, a relação interdepartamental, uma vez que o doutorado contempla uma gama diferenciada de interesses ligados às diferentes literaturas, bem como o convívio interdisciplinar com outras áreas de conhecimento, solicitadas a participar igualmente do curso.

O meu percurso teórico e acadêmico mais recente está intimamente vinculado à implantação, na FALE, do Doutorado em Literatura Comparada e ao desenvolvimento verificado na disciplina nos últimos anos. O gradativo avanço de uma reflexão comparativista entre nós deve-se, em grande parte, ao esforço conjunto de seu corpo docente e do Colegiado da Pós-Graduação, levando-se ainda em conta que o caráter interdisciplinar do curso contribuiu muito para a completa efetivação de um projeto pensado coletivamente.

No biênio 1988-1990, presidi a Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), com sede na UFMG. A diretoria contou com a presença de professores da UFMG e da USP, intercâmbio que reverteu em lucro para as duas instituições, pelo estreitamento de laços acadêmicos entre nós.

RUA CARANGOLA, 288

Na época em que iniciei meus estudos de graduação — Português e Inglês — na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, o ensino da literatura, com algumas exceções,